

Engenharia Florestal

Padrões de Diversidade Beta Entre Capões De Matas Do Parque Nacional Sempre Vivas

Ana Livia de Carvalho Rodrigues - 8º período, Bacharelado em Ciências Biológicas, DBI/UFLA, Laboratório de Fitogeografia e Ecologia Evolutiva, bolsista FAPEMIG.

Rafaella Tavares Pereira - 11º período em Engenharia Florestal, DCF/UFLA, Laboratório de Fitogeografia e Ecologia Evolutiva, bolsista CNPq.

Lidiany Carolina Arantes da Silva - Programa de Pós-Graduação em Botânica Aplicada - UFLA, Laboratório de Fitogeografia e Ecologia Evolutiva

Tatiane Almeida Souza - 7º período em Engenharia Florestal, DCF/UFLA, Laboratório de Fitogeografia e Ecologia Evolutiva, atividade vivencial

André Maciel da Silva - Programa de Pós-Graduação em Botânica Aplicada - UFLA, Laboratório de Fitogeografia e Ecologia Evolutiva

Rubens Manoel dos Santos - Laboratório de Fitogeografia e Ecologia Evolutiva, Orientador DCF/UFLA rubensmanoel@ufla.br - Orientador(a)

Resumo

O Parque Nacional Sempre Vivas (PSV) está localizado na Serra do Espinhaço, em Minas Gerais. O parque abriga um grande mosaico de tipologias vegetais e agrupamentos rochosos, que se distribuem em paisagens de campos rupestres de altitude, mata densa de fundo de vale, vegetações de transição de cerrado e caatinga e diversas nascentes, entre elas a que dá origem ao Rio Jequitinhonha. O presente trabalho teve como objetivo avaliar a diversidade beta (Beta) entre os capões presentes na região. Entende-se por capões, manchas florestais formadas em uma matriz campestre de altitude, associadas a nascentes. A partir do banco de dados de inventário florestal do Laboratório de Fitogeografia e Ecologia Evolutiva da Universidade Federal de Lavras, foram selecionadas 25 parcelas (20x20) alocadas em 11 capões no PSV. Para o cálculo da diversidade Beta utilizou-se o software RStudio. No geral, os capões apresentaram taxas de diversidade Beta em torno de 0,6, com pelo menos 12 áreas apresentando diversidade beta superior 0,7. A diversidade Beta trabalha com as variáveis de turnover (t), substituição de espécie entre as áreas, e aninhamento (a), que seriam a formação de subgrupos de espécies que só aparecem em áreas com maior diversidade, e desaparecem em outras áreas sem que ocorra substituição. Não foi possível traçar um padrão de diversidade Beta entre tamanhos de capões e distância entre eles. Foram avaliados então as maiores influências de turnover e aninhamento entre os capões. A diversidade Beta comparando os capões 2-4, a diversidade Beta foi de 0,84, sendo o t 0,43 e a 0,41; entre o capão 1 e 4 foi de 0,81, t de 0,16 e a 0,65; entre os capões 2-11 observou-se diversidade Beta de 0,80, sendo 0,75 o valor para o t e 0,05 para o a; e por fim, os capões 10-4 diversidade Beta de 0,77, com t 0,31 e a de 0,46. A maior taxa de substituição relativa ao turnover, ou seja, diversidade de espécies, está contida entre os capões 11-2. O maior valor encontrado para o aninhamento de espécies, ocorreu entre o capão 1 e 4. Para o conjunto de capões 2-4 e 10-4 ocorreu tanto a substituição, como por aninhamento. O capão 4 contém duas parcelas e sofreu as maiores variações. Os resultados demonstram a heterogeneidade e singularidade de cada capão, evidenciando a importância dessas formações na manutenção da diversidade.

Palavras-Chave: turnover, heterogeneidade edáfica, formações florestais.

Instituição de Fomento: FAPEMIG, Capes e CNPq

Link do pitch: <https://youtu.be/nOlqkX-nM3c>

Sessão: 5

Número pôster: 88

Identificador deste resumo: 1753-16-816

novembro de 2022